



# TOC

N.º 164

Ano XIV • novembro 2013

Diretor: A. Domingues de Azevedo



Assembleia geral  
21 de dezembro,  
em Évora

I Congresso de Fiscalidade  
Internacional  
6 de dezembro, em Lisboa

Artigo 10º  
Atualização  
de dados



Entrevista  
a Claudio Siciliotti  
«A contabilidade não é  
um fardo, é uma necessidade  
para a empresa»



# Devemos falar como latinos no mundo

Como presidente do CILEA, Claudio Siciliotti fala da inevitabilidade de uma harmonização contabilística europeia, da forma como o Velho Continente está a ser conduzido e dos grandes desafios que se colocam ao organismo internacional a que preside.

Texto **Jorge Magalhães** Fotos **Nuno André Ferreira**

**É** italiano e é o presidente do Comité de Integração Latino Europa América (CILEA) de há dois anos a esta parte. Quando, em dezembro, se realizar a assembleia-geral da organização, passará o testemunho. A 25 de outubro, porém, Aveiro acolheu o XXVIII seminário internacional e essa foi a ocasião escolhida para o entrevistar e ficar a conhecer melhor as suas ideias sobre o que deve ser o futuro do CILEA, da Contabilidade e da própria Europa.

Para Claudio Siciliotti o grande desafio do organismo a que preside «é criar uma voz única», para servir de contrapeso ao domínio anglo-saxónico. Com um olhar atento sobre a realidade europeia - contabilística e não só - defende que «a ética não é simplesmente

cumprir com a lei, é ser correto antes da própria lei» e, contrariando vozes que deambulam pelos corredores de Bruxelas, sustenta que «a contabilidade não é um fardo, é uma necessidade para a empresa.»

Porque o Velho Continente é o seu *habitat* natural, olha com ceticismo para a forma como a Europa tem sido conduzida: «Os países mais fortes, como a Alemanha, devem ser líderes, e não chefes. O chefe comanda, o líder governa.»

**TOC - O seu mandato como presidente do CILEA termina em dezembro. Que balanço faz destes dois anos?**

**Claudio Siciliotti** - O papel do CILEA é de extrema relevância. A sua função é a de manter e valorizar a realidade latina num mundo do-

minado pela influência anglo-saxónica. Não falo apenas da língua, mas também dos comportamentos, leis, atividades profissionais. Pensamos que os valores da profissão, tal como existem no mundo latino, são importantes, como o são os valores da profissão no meio anglo-saxónico.

**TOC - E que valores são esses?**

**C. S.** - Os valores latinos são a competência multidisciplinar e a perspetiva pública do valor da profissão. No mundo anglo-saxónico privilegia-se mais a especialização, há uma orientação mais evidente para o cliente. O que o cliente quer é a lei. Não há muita atenção à perspetiva pública. Por isso, devemos valorizar estes nossos valores relativos à profissão. Nestes dois anos da minha presi-

dência temos trabalhado afinadamente para elaborar um modelo de balanço social que acabou por ser aqui discutido também. Trata-se de um reconhecimento não só financeiro dos resultados da empresa mas também dos resultados a nível social e ambiental. Porquê isto? Porque pensamos que uma empresa não usa apenas os bens que lhe pertencem mas usufrui de elementos que são de todos, como a terra, o ar, a água. Por isso, tem de dar conta sobre a forma como utiliza esses bens comuns.

**TOC – É expectável que esse balanço possa ser aplicado às pequenas e médias empresas?**

**C. S.** – Há já diversos modelos de balanço social, mas estão dirigidos e pensados para as grandes empresas. O objetivo do CILEA é fazer um modelo típico da pequena e média empresa. Temos já uma espécie de rascunho bastante completo e avançado. Aplicá-lo às situações concretas poderia ser a melhor forma de, posteriormente, o melhorar. Este é um projeto que deverá ser aprovado aqui em Aveiro, quando fizermos a reunião da direção do CILEA. Espero que, com o tempo e a sua aplicação prática, ele possa ser aperfeiçoado.

**TOC – Quais são, em sua opinião, as grandes conquistas do CILEA e o que é que falta ainda fazer?**

**C. S.** – Creio que o CILEA fez muito a nível cultural, a nível de intercâmbio de experiências entre países latinos da Europa e América. Tem de fazer muito mais a nível político. O CILEA deve ser uma entidade política da profissão a nível mundial, não apenas cultural. Não devemos falar apenas

«Parece-me que os latinos não têm muita confiança na sua união, não têm confiança em pensar que a unidade e o trabalho em conjunto podem ser um importante fator de êxito. Nós somos muito nacionalistas. Eu sou italiano, você é português. Para mim o mais importante é a Itália, e dentro da Itália, o Norte. Este é o nosso mal.»

entre nós, devemos falar como latinos no mundo e num contexto mais amplo. É isso que é necessário melhorar.

**TOC – Acredita que as ideias e conclusões do CILEA possam influenciar os grandes centros de decisão mundial?**

**C. S.** – Esse é o desafio mais importante. A maioria dos países aqui representada está também presente no IFAC e na FEE. Mas a questão que se coloca é esta: quando estes países estão no IFAC falam a mesma língua, a mesma voz, ou seja, como latinos ou falam como italianos, portugueses, argentinos ou brasileiros? O desafio é criar uma voz única. A mesma voz que está presente no CILEA deve estar também presente no IFAC ou na FEE. Se digo que falo por Itália, Portugal, Roménia ou Brasil, é diferente.

**TOC – Há muitas vozes para uma identidade que deveria ser comum...**

**C. S.** – Sem dúvida. É habitual dizermos nestes encontros que os nossos países representam mais de um milhão de profissionais. Pode ver, por essa vertente, a força que poderíamos ter...

**TOC – Tem falado nesta dicotomia entre o mundo de matriz anglo-saxónica e o mundo latino. Estas duas visões poderão ser complementares ou é obrigatório que uma se sobreponha à outra?**

**C. S.** – Não, de forma alguma. É necessário encontrarmos um ponto de equilíbrio. Não temos que nos confrontar, temos de nos complementar, como em tudo na vida. Quando digo que a especialização é muito importante no mundo anglo-saxónico não estou a dizer que ela não o deva ser também no mundo latino. Mas há que ter em conta as opiniões diferentes.

**TOC – O que é que falta ao mundo latino: poder, dinheiro, influência?**

**C. S.** – Parece-me que os latinos não têm muita confiança na sua união, não têm confiança em pensar que a unidade e o trabalho em conjunto podem ser um importante fator de êxito. Nós somos muito nacionalistas. Eu sou italiano, você é português. Para mim o mais importante é a Itália, e dentro da Itália, o Norte. Este é o nosso mal. Devemos pensar de uma forma mais ampla, com horizontes mais vastos.



Sou italiano ou sou europeu? Se sou cidadão europeu tenho de pensar como tal. Mas sabemos que a realidade não é assim e neste capítulo os anglo-saxónicos são mais unidos.

**TOC – Basta falarem a mesma língua...**

**C. S.** – Esse é um ponto importante, sem dúvida, e decisivo. É um facto que o inglês é uma língua universal mas há também muita gente a falar espanhol, por exemplo. Ainda há pouco tempo fizemos uma proposta para que o espanhol fosse também usado como língua oficial no IFAC e todos os atos e documentos constassem nas duas línguas. Disseram-nos que não. Perguntamos porquê. «Porque o inglês é o inglês», foi a resposta dada.

**TOC – Pode dar-nos uma ideia do momento atual da profissão em Itália?**

**C. S.** – Em Itália temos cerca de 100 mil profissionais e todos trabalham com as pequenas e médias empresas. As grandes empresas têm os seus próprios colaboradores, não são independentes. Este é um fator comum a muitos países latinos.

**TOC – É uma profissão respeitada?**

**C. S.** – Sem dúvida. O conhecimento destes profissionais ligados às áreas da economia, da contabilidade, da fiscalidade, são extremamente importantes, são bens de carácter mais geral, não são simplesmente questões técnicas.

**TOC – A nível ético, é fácil lidar com esses profissionais?**

**C. S.** – A ética é um valor de ex-

trema importância, a ética não é simplesmente cumprir com a lei, é sermos corretos antes da própria lei. São valores que, de uma forma geral, os profissionais têm e isso é um valor da própria sociedade.

**TOC – A harmonização da contabilidade a nível da União Europeia é um caminho que já não tem retorno?**

**C. S.** – É um caminho que me parece necessário. Contudo, a grande questão é já outra: deveremos fazer a harmonização com um ou com dois níveis, ou seja, para as pequenas e médias empresas e outro para as grandes empresas? Atualmente temos três níveis: um para as empresas cotadas, outro para as grandes empresas e um terceiro nível para as pequenas e médias empresas. Estamos a falar



de três mundos muito diferentes. As empresas cotadas têm investidores, a grande empresa pode não os ter, mas tem problemas diferentes das PME. Estas, por sua vez, devem ter balanços e contabilidade simplificada e a certeza de que será uma mais-valia e não um mero gasto.

**TOC – Essa é uma visão que tem sido muito propalada em diversos setores europeus, vendo a contabilidade como um fardo...**

**C. S.** – Não, a contabilidade não é um fardo, a contabilidade é uma necessidade para a empresa. Uma boa empresa tem a sua contabilidade. Devemos conhecer a

realidade económica e financeira das entidades para melhorar o que tiver de ser melhorado. Se não se conhece não o podemos fazer. Isto não é algo que o Estado impõe e que não tenhamos necessidade. O Estado deve valorizar essa necessidade, porque a contabilidade remete para uma



## PERFIL

Natural de Udine, **Claudio Siciliotti** nasceu em 1952 e licenciou-se em Ciências Económicas e Comerciais na Universidade Luigi Bocconi de Milão, em 1977. Desde 1980 que está inscrito na Ordem dos *Dottori Commercialisti*. É presidente do conselho de administração de diversas empresas.

Tem ocupado, desde 1988, diversos cargos em órgãos de representação institucional da profissão italiana, quer na sua região quer a nível nacional. Participou ativamente do processo de reforma que levou à unificação das Ordens profissionais dos *Dottori Commercialisti* e dos *Ragionieri* numa única Ordem, o *Consiglio Nazionale dei Dottori Commercialisti e degli Esperti Contabili*, do qual foi o primeiro presidente, desde 2008 até 2012.

Entre 2001 e 2011 foi vice-presidente, pela Itália, do CILEA, organização que reúne organizações dos profissionais da contabilidade de 18 países da raiz latina. É o atual presidente deste organismo internacional.

cultura de empresa, de transparência e de ética.

**TOC – Há quem veja as orientações da 4.ª diretiva como uma tentativa para favorecer as grandes empresas. Comunga dessa opinião?**

**C. S. –** A quarta diretiva tem in-

dicações muito genéricas e que não são de hoje. Parece-me que temos de ter em conta, como já afirmei anteriormente, três níveis: o das empresas cotadas, das grandes empresas e das pequenas e médias empresas. Porquê? Porque não são iguais e não são a mesma coisa.

**TOC – Numa Europa com tantos países e com tantas realidades distintas de país para país, sobretudo a nível das PME, será possível harmonizar dentro destes parâmetros?**

**C. S. –** Tem de ser possível, porque a Europa só terá êxito se tiver um projeto comum para a contabilidade e para muitos outros setores. Não podemos ter em comum apenas a moeda. São necessárias muitas outras coisas. Caso contrário, nunca será uma entidade política com força. E para isso é necessário ter também regras contabilísticas e financeiras comuns.

**TOC – Presumo que essa necessidade de ter regras comuns se estende também à fiscalidade, uma vez que hoje temos muitos países a competirem entre si pela via fiscal?**

**C. S. –** Por outras palavras, está a perguntar-me se fazemos a harmonização de baixo para cima ou de cima para baixo. Esse é o desafio. Se somos europeus, temos de nos reger por normas comuns, caso contrário, somos italianos, portugueses ou espanhóis. Ou se harmoniza com a competição, de baixo para cima, ou se harmoniza com a lei, de cima para baixo. Creio que é preferível a primeira hipótese.

**TOC – Como vê o atual momento da Europa, sobretudo dos países do sul, precisamente latinos, com elevados défices, fraco crescimento ou mesmo em recessão?**

**C. S. –** Estamos a viver uma longa crise, já com cinco ou seis anos, o que torna tudo muito difícil. Temos um défice muito alto, sobretudo nos países latinos, e temos necessidade de fazer reformas



porque a situação é insustentável. A Europa deve impor regras mas deve compreender igualmente que não é possível haver desenvolvimento e crescimento sem as empresas. Vivemos um período muito difícil, mas não temos que impor a nossa visão aos outros, temos é que criar uma visão comum que todos possam partilhar. Não pode haver um chefe que comanda e os outros que obedecem.

**TOC – Mas é precisamente isso que se passa na Europa, com a vontade alemã a sobrepor-se à dos restantes países.**

**C. S.** – É um pouco isso que se passa, mas dessa forma não teremos um projeto vencedor. Não se constrói nada se um comandar e os outros países, pura e simplesmente, obedecerem.

«(...) a Europa só terá êxito se tiver um projeto comum para a contabilidade e para muitos outros setores. Não podemos ter em comum apenas a moeda. São necessárias muitas outras coisas. Caso contrário, nunca será uma entidade política com força.»

**TOC – Os problemas daqueles países são de más práticas contabilísticas ou é um imbróglgio cultural mais amplo?**

**C. S.** – Penso que é um problema cultural mais vasto, o que tem implicado contas públicas que raramente estão em ordem. Mas há que trabalhar com um objetivo comum. Os países mais fortes, como a Alemanha, devem ser líderes, e não chefes. O chefe comanda, o líder governa. É isto que

tem de ser feito. Os outros países devem bater-se por isto.

**TOC – A austeridade, não será, então, o melhor caminho para a Europa?**

**C. S.** – A austeridade é necessária. Quando os balanços não estão em ordem, é necessária, mas não é o único caminho. Temos que pensar também no crescimento e no desenvolvimento. Sem essa visão estamos condenados à morte. ☘



José Maria Mendes

Carla Carvalho

## E se os contabilistas fizessem greve?

### XXVIII seminário internacional do CILEA, em Aveiro

No exterior, o dia mostrava-se instável. Houve chuva, vento, mas também boas aberturas. A espaços. No interior do Centro Cultural e de Congressos de Aveiro, contudo, o rumo há muito estava definido: discutir e analisar «A Contabilidade como fator de informação para as PME», no âmbito do XXVIII seminário internacional do CILEA, que decorreu na cidade de Aveiro, no passado dia 25 de outubro. Em português e castelhano, as duas línguas ouvidas ao longo de todo o dia, foram desfilar diferentes preocupações provenientes dos dois lados do Atlântico relativas à importância social da Contabilidade, à formação profissional ou aos prós e contras da contabilidade criativa.

Perante cerca de duas centenas de pessoas, onde se contavam representantes dos contabilistas de países como Espanha, França, Itália, Roménia, Brasil, Argentina, Colômbia ou Venezuela, Domingues de Azevedo, na qualidade de anfitrião e de vice-presidente do CILEA, lamentou que a audiência não fosse mais vasta, até porque «o esfor-

ço da Ordem tem sido feito para levar estes acontecimentos o mais próximo possível dos membros. O número de inscritos não é representativo dos TOC do distrito de Aveiro.»

Centrando-se depois no tema em debate, o Bastonário da OTOC lembrou a importância de a Ordem ter vindo a percorrer o caminho da internacionalização há já alguns anos, salientando que «encontros como este retiram-nos do isolamento e permitem-nos integrar uma família maior, onde convivem diferentes sensibilidades mas também muitas preocupações comuns.»

Em castelhano, apesar de ser italiano, Claudio Siciliotti, no seu último ato como presidente do CILEA, recordou os princípios que presidiram, em 1997, à criação do CILEA para acentuar que o organismo internacional nasceu «com o intuito de que seria necessário uma melhor integração e entendimento sobre a sensibilidade e valores que regem o mundo latino.»

Deixando claro que o CILEA «não nasceu contra ninguém nem contra a supremacia do mundo anglo-saxónico»,

Siciliotti não resistiu a fazer algumas comparações: «O modelo latino é multidisciplinar, o anglo-saxónico é especializado; o modelo latino tem mais preocupações de índole social, o anglo-saxónico centra-se no cliente; o nosso modelo preocupa-se com a pequena e média empresa, eles estão mais focados nas grandes entidades.» Fruto dessas diferenças, e como resultado de um trabalho de dois anos, o orador italiano desvendou que, no dia seguinte, na reunião de trabalho da direção do CILEA seria aprovado um modelo de relatório social e ambiental «que expressa a nossa sensibilidade, devidamente adaptado às PME.»

#### Contabilista, o agente propulsor

Para debater «A importância social da Contabilidade», painel moderado por Carla Carvalho, professora do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Aveiro (ISCAA), José Maria Martins Mendes (Brasil) e Casado Ralgón (Espanha) trouxeram visões distintas, como convém. O orador brasileiro não tem dúvidas de que «a nossa pro-



José Casado Raigón

Graça Azevedo

Irineu de Mula

Norberto Barbieri

fissão é muito mais social do que aquilo que pensamos que seja.» Um exemplo: «Temos uma função social grandiosa na arrecadação de receitas. Já imaginaram uma greve de contabilistas?»

O exemplo é elucidativo como o são também os números da realidade brasileira que o professor trouxe até Aveiro: em 30 de setembro de 2013 havia 16 002 893 empresas no Brasil. As micro e pequenas empresas totalizam 74 por cento de todos os empreendimentos, mas representam apenas 15 por cento da faturação. As grandes empresas, por seu lado, representam 2,07 por cento, mas são responsáveis por dois terços do total faturado.

Como a sociedade questiona cada vez mais a participação das empresas «e o seu relacionamento com os problemas socioeconômicos no ambiente onde estão inseridas», José Maria Mendes garantiu que «assegurar o bem-estar das pessoas e do meio ambiente não é ação secundária dentro de uma organização.» Sendo o contabilista «detentor de conhecimentos indispensáveis à aceleração do desenvolvimento», evidente se torna que ele terá de ser «o agente propulsor dos meios necessários à realização dos grandes projetos sociais.» Para tarefa tão importante, é necessá-

ria uma série de qualidades que Martins Mendes não se coíbiu de enumerar e que podem ser de natureza humana, social ou profissional. No primeiro grupo encontra-se, por exemplo, o sentido de responsabilidade ou a capacidade de desenvolver um pensamento crítico. No segundo grupo, o orador salientou qualidades como o espírito de equipa ou a capacidade de envolvimento e de participação em iniciativas de interesse comum.

#### Um divórcio temido

Ampla visão de conjunto da área de conhecimento abrangida pela profissão, domínio de práticas de uso internacional e a obrigatoriedade de se manter atualizado em áreas sujeitas a alterações mais frequentes foram algumas das características elencadas no que toca ao terceiro conjunto. Tudo isto, contudo, assenta num alicerce impossível de ignorar e que José Maria Mendes deixou bem claro: «Na busca pelo sucesso, a competência divorciada da ética será inócua.»

Casado Raigón, diretor do departamento de relações internacionais do Conselho de Economistas de Espanha, debruçou-se sobre as novas tendências no acesso ao crédito das PME e na con-

tabilidade do balanço social, afirmando perentoriamente que «o financiamento das pequenas e médias empresas é um dos grandes e graves problemas que temos na UE.» É sua convicção que «estamos a viver um processo de “desbancalização”», o que pode significar, em última análise, hipótese que não deixou de provocar alguns sorrisos na plateia, que «todos tenhamos de voltar à troika, porque o mundo financeiro não dá resposta aos problemas do mundo real.»

Este catedrático espanhol focou-se também na importância do balanço social, afirmando que muitas das PME «estão agora mais abertas às questões da responsabilidade social e os contabilistas devem empurrar as entidades nessa direção.» Casado Raigón recordou, a propósito, que o CILEA apresenta, a título não vinculativo, um modelo de maior responsabilidade social e ambiental, acrescentando que «a contabilidade social não deve contemplar apenas realidades concretas consideradas individualmente e de alcance micro, mas também deve dar atenção à realidade macro com o objetivo de conceber um sistema social como um todo dinâmico e complexo.»



Armando Marques

Lopes Pereira

Diego Mendoza

Phillipe Arraou

### «Falcatruas», «mensalões» e condenações

Graça Azevedo, moderou o segundo painel do dia subordinado ao tema «O contabilista versus as empresas». Nas palavras iniciais de lançamento do tema, a professora do ISCAL defendeu que os técnicos oficiais de contas são «essenciais na disponibilização de informação financeira», assumindo especial preponderância as «demonstrações financeiras fornecidas aos gerentes das empresas».

Irineu de Mula, representante do Conselho Federal de Contabilidade do Brasil no CILEA, enquadrou a sua intervenção com o ambiente regulador no seu país. O antigo presidente do Conselho Regional de Contabilidade de São Paulo recordou que face às dificuldades de lidar com a normalização, e o processo de convergência com as normas internacionais, foi criada uma entidade chamado Comité de Pronunciamentos Contábeis. «A implementação das normas internacionais conflituou com a formação dos profissionais na universidade, na medida em que existia um "exército" de contadores formados em normas e conceitos antigos», disse Irineu de Mula. O problema foi identificado e a solução implementada: «Tem

vindo a fazer-se um esforço coletivo para preparar com mais qualidade e segurança os futuros profissionais». O CFC tem trabalhado, de forma estreita e próxima, com os 27 conselhos regionais do Brasil «para tornar o mais alargado e abrangente possível o conhecimento das normas internacionais de contabilidade».

As múltiplas dimensões da contabilidade criativa foram terreno fértil para Irineu de Mula lembrar as «falcatruas e os "mensalões"» que sacudiram o seu país. Relativamente às responsabilidades adicionais dos contadores depois destes escândalos, o responsável do CFC lembrou a mão pesada que a justiça brasileira tem para quem «fecha os olhos» a ilícitos contabilísticos: «Se o contador ocultar de forma intencional a origem da fraude, pode ser condenado a uma pena de prisão entre 3 a 10 anos», disse. Pressão e tensão. O profissional da contabilidade e da fiscalidade «no meio do fogo», frente a frente com o empresário.

Noberto Barbieri focou a sua apresentação na caracterização das Pequenas e Médias Empresas (PME) no «país das pampas». O ex-presidente do CILEA referiu que na Argentina, seu país de origem, o número de PME ronda os 95

por cento, bem acima da média mundial. «As empresas com esta dimensão são um fenómeno sócio-cultural e um motor de mitigação da pobreza», referiu. Mas nem por isso têm a vida facilitada no hemisfério sul. Lá como cá, há obstáculos e Barbieri não se eximiu de enunciá-los: a administração tributária, a legislação laboral, a instabilidade política e o acesso ao financiamento bancário. Também no país que viu nascer Eva Peron e Diego Maradona, os profissionais têm sobre si uma forte responsabilidade. Os TOC que não denunciem os ilícitos praticados por uma empresa incorrem em pesadas condenações judiciais. A pressão do Fisco para arrecadar receitas também existe por aquelas paragens. Barbieri tem uma teoria: «Somos aliados da recolha de receitas, não somos inimigos do Estado». As tendências comuns à realidade argentina seguem em paralelo com a realidade portuguesa: A feminização da profissão está em curso (entre 65 a 70 por cento são mulheres) e os TOC são entendidos como «conselheiros estratégicos com um amplo campo de atuação».

### Ética faz escolas reprovarem

«A formação profissional como fator de qualidade» foi o mote para o arran-



José António Moreira Domingues de Azevedo, Claudio Siciliotti e Hector Pinzón

que dos trabalhos, painel que foi moderado por Lopes Pereira, presidente da Comissão de Controlo de Qualidade da OTOC e que começou com uma intervenção incisiva de Diego Mendoza, presidente da Federação dos Colégios de Contadores Públicos da Venezuela. «Quando se fala de ética as escolas de negócios reprovam», afirmou o orador. Socorrendo-se de um estudo recente, que mostrava que a principal preocupação dos alunos que frequentam os cursos ligados às áreas da Contabilidade e Economia é obter o máximo lucro, não se importando mesmo de serem presos desde que o benefício financeiro fosse compensador, Mendoza não tem dúvidas: «Aqui começa o problema da economia mundial. Algo está mal e isso deve preocupar-nos a todos.»

Falando de improviso, este professor venezuelano não tem dúvidas de que «a ética tem que estar sempre no centro das atenções. Tem que ser um exercício reflexivo desde o primeiro dia de escola.»

Outro ideia a reter deste orador sul-americano: «O contabilista deve ajudar formar o empresário. Precisamos de empresários formados e informados», lembrando, a propósito que «a informação financeira é mais do que contabilidade», lamentando

que existam países, como a Venezuela, onde «o acesso é muito limitado.»

#### OTOC e os milhões de horas de formação

Armando Marques, personalidade de todos conhecida, debruçou-se sobre o papel do TOC na sociedade e a importância da formação profissional como fator de qualidade, passando também em revista a oferta formativa proporcionada pela Ordem. Para o vice-presidente do Conselho Diretivo da Ordem, «os TOC carecem de forte motivação pessoal e profissional», uma vez que atuam «num campo complexo, com desafios mútuos e ensandichados entre o empresário e a administração tributária.» Por outras palavras, sustentou este responsável, «desafios à contabilidade criativa são o dia-a-dia que temos de enfrentar.» Face a estes e outros constrangimentos, os benefícios materiais nem sempre são visíveis, recordando a este propósito Armando Marques «que vivemos um momento em que temos de adaptar os honorários às disponibilidades financeiras das empresa e infelizmente a Ordem não pode, por lei, fixar honorários mínimos como seria desejável.»

Debruçando-se depois sobre a importância da formação, o orador foi claro: «Enganem-se aqueles que ignoram a frequência das ações de formação. A nossa

sobrevivência como profissionais de qualidade não pode dispensar a aprendizagem contínua.» A ideia foi reforçada por diversas vezes, uma vez que «a qualidade só é possível com uma boa reciclagem dos conhecimentos, bem como com a absorção de novas matérias aplicáveis aos trabalhos que desenvolvemos.»

A intervenção de Armando Marques não terminaria sem dar alguns dados «esmagadores» sobre a realidade da formação na OTOC: no corrente ano, a média de eventos mensais da OTOC foi de 10. Se se recuar no tempo, e até ao final de 2012, as iniciativas organizadas pela Ordem registaram 1 179 320 presenças, o que corresponde a 8 617 340 horas de formação. As reuniões livres, por seu lado, registaram já 278 754 presenças, o que totaliza 557 508 horas de formação.

Números que impressionam e que serão mais do que necessários, no entender do vice-presidente da OTOC, até porque, «num mundo moderno e exigente, só com muita qualidade nos conseguimos afirmar e impor na sociedade em geral e no mundo empresarial em particular.»

#### Um pau de dois bicos

José António Moreira moderou o último painel da jornada, subordinado a um tema improvável, mas que se revelou surpreendentemente interessante: «A

contabilidade criativa: prós e contras». O professor da Faculdade de Economia do Porto defendeu que «o foco da criatividade deve passar por o contabilista trazer valor acrescentado». O francês Phillipe Arraou explicou, com algum humor à mistura, a sua presença em Aveiro para abordar deste tema. «Quando o Bastonário me convidou para falar sobre este tema eu respondi: “não pode ser”. Mas como ao Bastonário não se pode dizer que não, aceitei». E pelos vistos, em boa hora o fez. Arraou abordou a contabilidade criativa pelo lado positivo, isto apesar de admitir que estamos perante «um pau de dois bicos». Mas afinal no que consiste o lado positivo da contabilidade criativa? O ex-presidente da EFAA defendeu que «quando a contabilidade não cumpre com o desejo do empresário, este organiza a sua gestão paralela e desinteressa-se pela contabilidade». Então, o que fazer? Arraou deu diversos exemplos práticos que aguçaram o engenho da plateia que o ouvia atentamente. E até disse que um balanço pode ser o exemplo de valor acrescentado de um terreno em que o profissional pode ser criativo. De que forma?

«Se o emissor, o TOC, falar a mesma linguagem do empresário, o recetor». Em suma, o vice-presidente da Ordem des *Experts Comptables* de França declarou que «a contabilidade não é criativa, mas o TOC tem de ser criativo». Para o último slide ficou bem expresso o apelo: «Sejamos criativos».

### O lado negro da Contabilidade

Hector Correa Pinzón ficou com a parte crua da criatividade contabilística. Ou seja, o lado mais nocivo e negativo da contabilidade. Com um aviso prévio, à boa maneira daqueles filmes que são mostrados às crianças e que depois se teme o efeito mimético nos pequenos: «Por favor, não façam isto».

Ato contínuo, o primeiro vice-presidente do CILEA colocou o "filme" a rolar. Recuou até 1929 com o crash de Wall Street para perguntar «onde estavam os auditores?». Progrediu no tempo até 2001 com a bancarrota da Enron, um escândalo que rotulou como «a maior bancarrota da história dos Estados Unidos e do Mundo».

O presidente da Federação de Contadores Públicos da Colômbia enunciou

diversos casos de «perdas milionárias» e de «complexas teias» que envolvem pessoas afetas às mais diversas e improváveis entidades. Basicamente a intervenção de Pinzón foi passada a descrever o lado negro da contabilidade, o tal que contribui para «defraudar a ideia de cidadania». E como se combate este estado de coisas? O colombiano defendeu que os valores da «idoneidade e do profissionalismo» devem prevalecer, «utilizando-se a contabilidade criativa em prol das empresas». Pinzón torceu ainda o nariz ao papel das normas e referiu que «com normas tão complicadas, o melhor seria compreender os princípios».

Coube a Domingues de Azevedo e Claudio Siciliotti o encerramento dos trabalhos. O Bastonário da Ordem fez um balanço positivo dos trabalhos, ressaltando que eventos como o que Aveiro acolheu contribuem para «melhor compreender o universo que integramos». Em jeito de conselho aos profissionais, referiu que «temos de vestir a pele dos empresários e saber em concreto do que é que eles precisam».

O italiano que preside ao CILEA destacou o enfoque dado à «visão latina da profissão» e a importância social da contabilidade. «Confiança, competência e capacidade são armas de que os profissionais de todo o mundo, e especialmente os do mundo latino, não podem abdicar», referiu. Siciliotti realçou a diversidade de temas em discussão, desde a ética, os negócios, a independência, a formação e a criatividade, entre outros, defendeu que «aplicar as normas sem criatividade não gera valor acrescentado», terminou com chave de ouro distinguido de forma opositora a economia e a alta finança. «É o trabalho que cria valor e não os grandes interesses», referiu. ☘



A representação da Ordem em Aveiro acolheu a reunião do conselho diretivo do CILEA. A definição das linhas de ação desta entidade de matriz latina para o próximo ano foi um dos pontos da ordem de trabalhos.



Fotos e vídeo disponíveis no Flickr e no Canal OTOC